

# “Eu peguei e saí”: uma construção nos limites da coordenação

Angélica T. C. Rodrigues (UNICAMP PG)

## Resumo



Este artigo analisa os enunciados do tipo “*eu peguei e saí*” sob a perspectiva dos processos de integração de cláusulas. Tais enunciados apresentam uma configuração sintática próxima da coordenação, na medida em que se formam a partir da seqüência de dois ou mais verbos flexionados e conectados por *e*. Todavia, apresentam outras propriedades que ultrapassam os limites da coordenação. Será proposto que esses enunciados representam um tipo de estrutura intermediária, cujas propriedades não são compartilhadas por nenhuma construção do PB.

Palavras-chave: Coordenação; Subordinação; Construções.

## Introdução

Enunciados do tipo “*eu peguei e saí*”, “*ele pegou e falou*”, entre tantos

outros da mesma natureza, embora pouco explorados na literatura lingüística sobre o português brasileiro, são amplamente observados na fala. Em trabalho anterior (RODRIGUES 2004, 2005<sup>1</sup>), propus uma análise deste tipo de enunciado como uma instância de construção gramatical, denominada “construções do tipo *foi fez*” (CFFs). Os exemplos (a-c) são representativos:

- a. Então ela chegou para mim e falou: “Cristina, aí, tem um concurso aí da Gretchen- você está a fim de entrar?” Antes de ser a rainha do carnaval, falei: “Pô, Margarida, até que é uma boa, vou entrar.” E na época a Gretchen usava aqueles shortezinho bem entrando lá mesmo, não é? **Aí eu peguei falei:** “Tudo bem. Eu vou entrar. Aí, minha mãe foi fez um short para mim de cetim branco, um collant azul, sandália alta, não é?”
- b. Prefiro [não]- não fazer [não] não continuar não. Vou terminar meus estudos primeiro, aí, depois, eu vou ver! Tanto que ele me convidou para continuar lá e tal-falei: “Ah! Mas não vou continuar não, porque não vai dar”. Aí, **eu peguei e saí do coisa.** Aí, continuou a amizade e tal, mas, aí, **eu peguei e saí.**
- c. “Ele disse: “não, não desliga não que eu quero lhe falar uma coisa.” Eu não estou conhecendo a voz mesmo. Eu disse: “olha, vou desligar, hein? Até amanhã.” **Ele pegou deu uma gargalhada.** eu disse: “espera aí, fala outra vez.” Aí ele falou, eu disse: “, bandido, você me acordando agora e tal.” (riso).

Esses enunciados possuem características sintáticas e discursivas bem delimitadas, quais sejam:

- (1) Apresentam o verbo *pegar* na posição V1 associado a um segundo verbo, V2, em que ambos partilham sujeito e flexões modo-temporais e número-pessoais;
- (2) O sujeito da construção sempre precede V1. Sujeitos precedendo V2 não são esperados. Um sujeito adjacente a V2 é muito marcado e indicaria um caso [- prototípico].
- (3) V1 e V2 podem ser contíguos ou ligados por *e*. V1 nunca pode receber negação.
- (4) O marcador de negação, o advérbio *não*, sempre precede e só se aplica a V2.
- (5) *Pegar*, além da perda semântica, sofre também uma mudança sintática ainda mais significativa, uma vez que deixa de subcategorizar objeto direto.
- (6) V1 e V2 têm uma ordem sintática fixa.

(7) V1 nunca pode ser alvo de interrogação:

**Afirmção:** Ela pegou morreu.

**Pergunta boa:** Morreu mesmo?

**Pergunta ruim:** \* Pegou mesmo?

“Eu peguei e sai”: uma construção nos limites da coordenação

Essas propriedades, em conjunto, asseguram o *status* construcional dos enunciados do tipo “*eu peguei e sai*”, uma vez que comprovam sua idiossincrasia sintática. No entanto, não só os seus padrões sintáticos são determinantes desse *status*. Os padrões de interpretação semântica também, e acima de tudo, precisam ser analisados.

Acredito que esses enunciados possuem uma função discursiva na medida em que V1 parece dramatizar ou enfatizar o estado de coisas expresso em V2. É preciso, no entanto, que não haja dúvida que esse valor discursivo não está relacionado nem com a composicionalidade dos elementos individualmente envolvidos nessas construções, e muito menos com o sentido lexical de *pegar*.

Neste artigo, entretanto, almejo uma visão crítica dessas construções sob um outro viés teórico. Discutirei especificamente a natureza sintática dessas construções e em que medida elas podem contribuir para o debate sobre os processos de integração de cláusulas, principalmente no que se refere à extrapolação dos limites da coordenação.

Tendo em vista a vasta literatura sobre os processos de ordenação de orações, é impossível dar conta, num único artigo, de todas as diferentes propostas disponíveis. Optei, deste modo, por uma revisão não exaustiva, mas representativa de algumas propostas, principalmente aquelas desenvolvidas pela lingüística textual e funcionalista.

## 1 Coordenação *versus* subordinação

A relação entre os processos de coordenação e subordinação de cláusulas é matéria controversa na literatura. Para a Gramática Tradicional, a articulação de orações se reduz à dicotomia coordenação *versus* subordinação. Nessa perspectiva, orações coordenadas são definidas como independentes e se dividem em sindéticas, em que se verifica a presença de conjunção, ou assindéticas, em que as orações apenas se justapõem. Já as orações subordinadas funcionam como “termos essenciais integrantes ou acessórios” de uma outra oração, a principal. Orações subordinadas são classificadas de acordo com as funções que desempenham perante a principal. Podem ser *substantivas*, *adjetivas* ou *adverbiais* (CUNHA & CINTRA, 1985: 584).

As definições tradicionais são alvo de inúmeras críticas por parte de várias correntes teóricas da lingüística. Partindo de uma perspectiva textual da linguagem, KOCH (1996:11) argumenta que “toda oração ou conjunto de orações veicula significados” e, portanto, “forma e função (...) não podem e não devem ser desvinculados no estudo da linguagem humana”. KOCH assevera ainda que “o funcionamento global de uma língua só pode ser devidamente explicado por um estudo integrado dos componentes sintático, semântico e pragmático”. Para a autora, o termo **interdependência** deve se sobrepor aos

termos dependência (para subordinadas) e independência (para coordenadas), uma vez que traduz melhor as relações entre as orações. Essa interdependência prevê que, seja no período, no parágrafo ou no texto, qualquer uma das orações é necessária para a compreensão das demais.

BALLY (1944 *apud* KOCH 1996: 116) propõe uma definição das relações interfrásicas com base nos modos de combinação possíveis entre enunciações, tendo em vista não noções de ordem morfológica ou sintática, mas semântica. Esses modos de combinação são: a coordenação, a soldadura e a segmentação. Há coordenação semântica entre A e B quando os elementos podem ser identificados um como **tema** e outro como **comentário**. Nas frases ligadas, originadas pela soldadura, duas orações estão ligadas num único ato de enunciação, correspondente a uma única intenção, de tal modo que a primeira não constitui objeto de um ato de linguagem acabado, independentemente da segunda. Na segmentação, tem-se uma frase única resultante da condensação de duas orações coordenadas, mas na qual a soldadura é imperfeita, permitindo distinguir duas partes, uma das quais tem a função de tema e a outra, a de comentário. A segmentação distinguiu-se da coordenação pelo fato de haver uma interdependência maior, um relacionamento recíproco entre dois enunciados A e B.

A proposta de Bally é de grande relevância, principalmente, como defende KOCH (1996), pela distinção entre frases ligadas e coordenação:

“No caso de frases ligadas, tem-se um predicado complexo, e, portanto, um enunciado único, resultante de um só ato de enunciação. Na coordenação, ao contrário, trata-se de duas proposições, resultantes de dois atos de enunciação diferentes, em que o segundo toma o primeiro como tema: tem-se uma estrutura semântica em que ocorre uma sucessão de proposições”. (KOCH, 1996, p.122)

Pesquisadores de tradição funcionalista (vertente americana) também têm se debruçado sobre a questão que envolve as relações sintáticas e semânticas emergentes a partir dos processos de combinação de orações, tendo em vista que os critérios oferecidos são, algumas vezes, não pertinentes. A dicotomia coordenação-subordinação é abandonada na medida em que se compreende que o fenômeno da integração de cláusulas é mais bem interpretado através de um *continuum* que interliga estruturas [+/- dependentes].

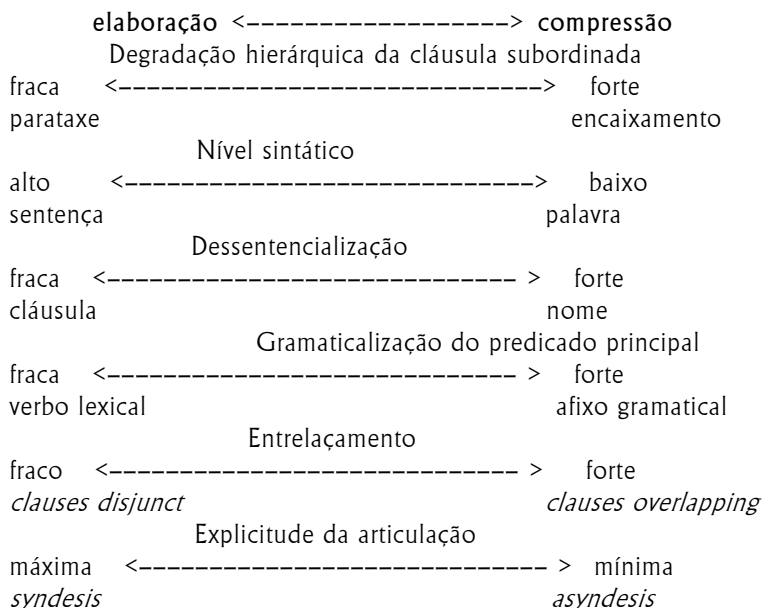
Para LEHMANN (1988), a articulação de cláusulas pode ser definida a partir de vários parâmetros semântico-sintáticos, identificáveis em várias línguas:

- i. Degradação hierárquica da cláusula subordinada;
- ii. Nível do constituinte sintático ao qual a oração subordinada se liga;
- iii. Dessentencialização da subordinada;
- iv. Gramaticalização do verbo principal;
- v. Entrelaçamento das duas orações;
- vi. Explicitude da articulação.

Com base nesses parâmetros, LEHMANN (1988) estabelece um *continuum*, que parte de um pólo de máxima *elaboração* a outro de máxima *compressão* (ou condensação) de informação lexical ou gramatical. Nesse continuum, coordenação e subordinação ocupam as extremidades opostas. No lado esquerdo, temos um período formado por orações que são sintaticamente

iguais e interligadas por um conectivo: cláusula independente e simples. Já no lado direito, temos um período em que uma das orações apresenta o predicado reduzido, há encaixamento na principal em um constituinte de nível sintático baixo e a oração pode ser nominalizada: cláusula complexa.

○ *continuum* é apresentado abaixo:



**Figura 01:** Continua de articulação de cláusulas. (LEHMANN, 1988: 217).

LEHMANN prevê que, entre os dois extremos do *continuum*, possam ocorrer tipos intermediários, como orações correlatas, cláusulas nominais fraca ou fortemente dessentencializadas, cláusulas adverbiais fortemente nominalizadas, serialização verbal etc.

HOPPER & TRAUGOTT (1993: 170), por sua vez, considerando o processo sintático de combinação de cláusulas, propõem, de acordo com a perspectiva da gramaticalização, uma redefinição da relação inter-clausal através do *continuum*:

*parataxe* > *hipotaxe* > *subordinação*

As categorias presentes nesse continuum são descritas tendo em vista os parâmetros **dependência** e **encaixamento**, como se observa no quadro abaixo:

**Quadro 01:** “Cline” de combinação de cláusulas (HOPPER & TRAUGOTT, 1993: 170).

parataxe	>	hipotaxe	>	subordinação
- encaixamento		- encaixamento		+ encaixamento
- dependência		+ dependência		+ dependência

“Eu peguei e sai”: uma construção nos limites da coordenação

Segundo HOPPER & TRAUGOTT (1993:172), parataxe caracteriza-se por uma independência relativa. O vínculo semântico é inferido pela relevância e pelo sentido que emerge da junção das duas, ou mais, cláusulas. Não há encaixamento de uma cláusula dentro de outra. Esse grupo é formado por orações coordenadas e justapostas, e, segundo os autores, a relação semântica entre essas entre elas se dá somente por inferência. Na hipotaxe, há uma interdependência entre as cláusulas, que são definidas como núcleo e margem. Integram esse grupo as orações adverbiais e as relativas positivas. Por fim, na subordinação observa-se uma total dependência entre as cláusulas matriz e encaixada. Há encaixamento de toda a margem dentro de um constituinte do núcleo. Compõem esse grupo as orações completivas e as relativas restritivas.

Esse *continuum* dá conta dos graus de integração das orações, que caminham de um ponto onde as relações sintáticas são mais frouxas, para o outro extremo, onde haveria uma maior integração clausal. Ou seja, na escala, temos uma estrutura menos gramaticalizada, à esquerda, em oposição a uma estrutura mais gramaticalizada, à direita. Quanto maior for o grau de vinculação entre as cláusulas, mais avançado estará o processo de gramaticalização.

Os graus de vinculação são identificados a partir de quatro critérios: conectividade, encaixamento, concordância de tempos e modos verbais e experiência do locutor (HOPPER & TRAUGOTT, 1993). Encaixamento é entendido como incorporação da margem dentro do escopo do núcleo.

HOPPER & TRAUGOTT, baseados em LEHMANN (1988), entendem que a concordância entre tempos e modos verbais é indicativa de uma maior integração (ou entrelaçamento) clausal.

O critério “experiência do sujeito” é adotado tendo em vista a hipótese de LANGACKER (1991 *apud* HOPPER & TRAUGOTT, 1993), que estabelece que um grau maior de integração entre orações estaria associado a um grau maior de “arraigamento do evento na experiência imediata do sujeito” (falante/escritor).

Para tratar do grau de integração entre orações, HOPPER & TRAUGOTT remetem a GIVÓN (1990 *apud* HOPPER & TRAUGOTT, 1993: 171), que sugere que haveria um paralelismo cognitivo que estabelece uma “iconicidade diagramática” entre forma e função: a uma maior integração semântico-pragmática corresponderia uma maior integração gramatical entre as cláusulas. Para os autores, “a presença explícita e independente do elo clausal se correlaciona com uma integração semântico-pragmática mínima, ou seja, com uma maior autonomia e vice-versa”, como explicitado no Quadro 02:

**Quadro 02:** Propriedades relevantes para o “cline” de combinação de cláusulas. (HOPPER & TRAUGOTT, 1993: 171).

parataxe _____	hipotaxe _____	subordinação _____
(independência)	(interdependência)	(dependência)
núcleo _____	_____	margem _____
integração mínima _____	_____	integração máxima _____
máxima ligação explícita _____	_____	mínima ligação explícita _____

As propostas dos autores citados nessa seção são de grande relevância para este trabalho, na medida em que auxiliam a compreensão dos processos

de combinação de cláusulas. Uma de suas principais contribuições é a proposta de HOPPER & TRAUGOTT (1993) para uma nova interpretação dos processos de articulação de orações, que podem ser traduzidos através de um *continuum* que prevê graus de menor ou maior integração clausal.

No Brasil, os trabalhos realizados sob uma perspectiva funcional a respeito dos processos de articulação de cláusulas preocuparam-se muito mais em propor uma reinterpretação daqueles tipos de orações já tradicionalmente conhecidos. Esses trabalhos são todos valiosíssimos, pois visam a esclarecer equívocos quanto à classificação de alguns tipos de orações, bem como oferecem dados importantes para a descrição do português brasileiro, inclusive sob a perspectiva da teoria da gramaticalização.

Já aqueles trabalhos realizados numa perspectiva textual de linguagem discutem a relação coordenação *versus* subordinação a partir do valor semântico das orações envolvidas nesses processos. Com base na dependência semântica entre as orações envolvidas num processo de coordenação, GARCIA remete à "falsa coordenação", em que ele verifica coordenação gramatical e subordinação psicológica. Essa questão discute a autonomia de orações coordenadas defendida pela GT. Para autores como GARCIA e KOCK, por exemplo, mais do que a configuração sintática, as propriedades semânticas e textuais devem ser fundamentais para a identificação das relações que se travam entre orações no texto.

No entanto, a idéia de um *continuum* que conecta estruturas com maior ou menor grau de integração pressupõe que, embora se possa identificar estruturas bem delimitadas nas extremidades, estruturas de natureza diferente preenchem o espaço entre os dois pólos. Estudiosos de diversas línguas têm sido capazes de identificar algumas estruturas que exibem tanto características de coordenação quanto de subordinação. Apenas a título de exemplificação, existe o trabalho de KAZENIN & TESTELETS (2004) que, ao tratar de construções com *converbs* em Tsakhur, língua falada nas regiões oeste e nordeste do Cáucaso, Rússia, atesta que essas construções possuem uma ambigüidade estrutural entre coordenação e subordinação.

Mostrarei na próxima sessão que as construções do tipo "eu peguei e sai" possibilitam esse mesmo tipo de debate no âmbito do PB.

## 2 "eu peguei e sai": uma estrutura intermediária

HOPPER (2002), analisando as construções do tipo *hendiadys*, em inglês, observa que esse tipo de construção exibe uma configuração sintática própria da coordenação, embora semanticamente possua uma integração mais próxima da subordinação. QUIRK ET AL. (1985 *apud* HOPPER, 2002: 147-8) sugerem o termo "pseudocoordenação", que pressupõe um *continuum* que interliga cláusulas coordenadas, numa extremidade (exemplo (d)), e construções com verbos pseudocoordenados, na outra (exemplo (e)).

- d. Dr Miller said the damming of the river at Wivenhoe had meant that there was no regular flushing of the waters from upstream. The river

had to rely on tides to **come up and take** nutrients downstream. The river has improved as far as heavy metals and pesticides concerned but nutrients are still a problem, he said.

(“Dr. Miller afirmou que o prejuízo para o rio em Wivenhoe reside na falta de chuvas regulares na altura das nascentes. O rio tem que contar com a correnteza para **vir e pegar** os nutrientes rio abaixo. O rio sofreu um aumento em relação à contaminação com metais pesados e pesticidas, mas os nutrientes ainda são um problema, ele disse”.)

e. I'll **try and come** tomorrow.  
 (“Eu vou tentar vir amanhã”)

Compreendo que essa mesma relação também é característica das construções do tipo “*eu peguei e saí*” do português, que, como as construções *hendiadys* do inglês, remontam aos processos de coordenação.

Os enunciados especificamente discutidos neste trabalho podem ser analisados sintaticamente como uma seqüência mínima de dois verbos flexionados, identificados como V1 e V2. Uma seqüência de dois ou mais verbos flexionados, conectados por *e*<sup>2</sup>, em português, é também uma característica das cláusulas coordenadas em que os eventos descritos mantêm uma relação semântica de simultaneidade, anterioridade ou posterioridade, que é determinada pelo tempo verbal usado. Já no caso de “*eu peguei e falei*”, tal relação semântica não se verifica, pois V1, *pegar*, nunca representa uma ação ou um evento separado de V2, *falar*, de modo que V1 e V2 não expressam seqüencialidade nem simultaneidade de eventos.

HOPPER (2002) sustenta que as construções do tipo *hendiadys*, embora possuam uma estrutura sintática semelhante àquela exibida pelas estruturas coordenadas, não podem ser interpretadas como tal. Para o autor, o principal critério para distinguir essas duas construções é saber se elas descrevem um ou mais eventos. Na coordenação, cada oração – ou predicado verbal – descreve um evento. Já no caso dos *hendiadys*, os verbos envolvidos nestas construções descrevem apenas um único evento. O autor argumenta que, na coordenação, duas ou mais cláusulas representam diferentes asserções, o que não ocorre nos *hendiadys*, em que a primeira cláusula não representa uma ação discreta separada da ação expressa na segunda cláusula.

Vê-se que o conceito de evento é primordial para a análise de enunciados como “*eu peguei e saí*”. Portanto, é preciso, antes de tudo, deixar claro qual definição de evento está sendo adotada.

Valho-me, neste trabalho, da noção de que cada evento corresponde a uma proposição. Sendo assim, os enunciados em debate jamais descreverão eventos distintos, visto que V1 nunca representa uma proposição, e essa é uma característica decisiva para distingui-los das orações coordenadas. Desse modo, a relação semântica de anterioridade, simultaneidade e posterioridade, presente entre os estados de coisas descritos pelas orações coordenadas, não se verifica em enunciados como “*eu peguei e saí*”, pois as “relações de cronologia (simultaneidade, anterioridade e posterioridade) só fazem sentido



se forem estabelecidas entre eventos" (ILARI & BASSO mimeo.:07). No trecho apresentado em (f), por exemplo, V1 e V2 não constituem dois eventos diferentes, uma vez que V1 não representa um estado de coisas. Estados de coisas são interpretados aqui como "entidades que podem ser objeto de atitudes proposicionais" (ILARI & BASSO op. cit.: 05). V1 não tem valor proposicional, isto é, não é possível verificar suas condições de verdade e também não é possível sua negação. Na verdade, "*eu peguei dancei*" em (f) é interpretado como "*eu dancei*", sendo que o uso de *pegar* se dá por motivos discursivos.

- f. Cabelo todo ("enroladão"), estava bonitão. Aí eu **peguei dancei**, aí todo mundo: "É essa?"

Constatamos, assim, que a noção de evento é crucial para explicar porque (f) não pode ser analisado como uma instância dos casos de coordenação.

A aproximação, portanto, entre a configuração sintática de coordenação e dos enunciados em questão não constitui evidência definitiva sobre seu *status* gramatical.

Ademais, uma série de outras propriedades sintáticas ressalta ainda mais o caráter peculiar dos enunciados do tipo "*eu peguei e sai*" em relação à coordenação. A primeira delas diz respeito ao sujeito. Nas cláusulas coordenadas, os sujeitos podem ser compartilhados ou não. Já em "*eu peguei e sai*", V1 e V2 sempre compartilham o mesmo sujeito.

Quando os sujeitos de orações coordenadas são correferenciais, há uma tendência em se marcar o sujeito apenas em V1, sendo que o sujeito em V2 é anafórico (anáfora zero). Contudo, se os sujeitos aparecem explícitos em todas as cláusulas, não há nenhuma mudança semântica substancial. A ocorrência de sujeito em V2, nos enunciados do tipo "*eu peguei e sai*", não é esperada.

Os verbos de cláusulas coordenadas em português não precisam compartilhar a mesma flexão, embora algumas vezes isso aconteça. Já em enunciados do tipo "*eu peguei e sai*", os verbos sempre compartilham flexão.

Nas cláusulas coordenadas, os verbos das orações podem ser negados separadamente ou não. Já nos enunciados do tipo "*eu peguei e sai*", o marcador de negação, o advérbio não, sempre precede e só tem escopo sobre V2, como em (g):

- g. Ele **pegou e não saiu**.

Finalmente, as cláusulas coordenadas apresentam um grau de liberdade sintática totalmente bloqueado nesses enunciados, que possuem uma ordem sintática fixa.

Vê-se, portanto, que, apesar de sintaticamente existir uma aproximação entre coordenação e os enunciados do tipo "*eu peguei e sai*", algumas propriedades impedem que se faça qualquer afirmação mais categórica a respeito de sua categorização sintática. Não é por menos que estruturas semelhantes em inglês foram identificadas como casos de pseudocoordenação ou falsa coordenação (QUIRK ET AL. 1985:987-8 apud HOPPER, 2002).

Embora a estrutura sintática desses enunciados seja próxima da coordenação, a relação entre V1 e V2 aponta para um grau mais forte de integração semântica. Uma vez que o valor discursivo de “*pegar*” só emerge em construções deste tipo. Há, portanto, uma forte dependência semântica entre V1 e V2, o que também remete aos casos de soldadura propostos por BALLY.

## Conclusão

Este artigo mostrou que, apesar de existirem tipos [+ prototípicos] no que se refere às construções de predicação complexa, enunciados [- prototípicos], como os formados a partir da conjunção do verbo *pegar* com um segundo verbo, também podem ser analisados sob a perspectiva dos processos de integração de cláusulas.

Todavia, proponho que esses enunciados devam ser categorizados como uma classe diferente de construção, porque, embora em termos da tipologia lingüística possam ser descritos como parte de uma grande família de tipos de construções de predicação complexa, no que tange ao PB, representam um tipo de construção diferente de todos os demais tipos até o momento analisados.

Estudos realizados mais recentemente sob o prisma da “gramática das construções” (construction grammar) têm destacado a importância e a necessidade de um modelo capaz de explicar padrões mais idiomáticos de uma língua como uma instanciação de construção gramatical. KAY & FILLMORE (1999:07), cujos trabalhos seguem os preceitos dessa abordagem, defendem, por exemplo, que a vantagem de um modelo construcional é a possibilidade de demonstrar a estreita relação de construções mais idiomáticas com construções mais familiares no licenciamento de sentenças da língua. Dessa forma, compreendo que a emergência de enunciados deste tipo se dá a partir de estruturas já presentes no português, a saber, as estruturas coordenadas. Contudo eles exibem propriedades que não são compartilhadas por nenhuma outra construção do português, o que os caracteriza como uma construção gramatical singular. Acredito que o padrão de flexão, as mudanças semânticas sofridas por V1 e, especialmente, o padrão de negação devam ser destacados, pois representam importantes propriedades para distingui-los de outros tipos de construções do português.

## Abstract

This paper analyses some utterances like “*eu peguei e sai*” (lit.: “I took and left.”) from a perspective of the process of clause linkage. These utterances show a syntactic configuration very close to coordination, as they consist of a sequence of two or more inflected verbs connected by *and*. However, they present others properties that transpose the limits of coordination. It will be suggest that these utterances constitute a kind of intermediate structure, whose properties are not shared by any constructions of Brazilian Portuguese.

Keywords: Coordination; Subordination; Constructions.

## Notas

- <sup>1</sup> Este trabalho faz parte de uma pesquisa maior em desenvolvimento no curso de doutorado em lingüística do IEL/Unicamp. Nesta pesquisa, além dos enunciados do tipo “*eu peguei e sai*”, também são analisados outros do tipo “*ele foi e fez*” e “*ele chegou e fez*”.
- <sup>2</sup> Em Rodrigues (2004, 2005) mostro, em enunciados desta natureza, os verbos (V1 e V2) podem ou não estar ligados pela conjunção *e*.  
Trabalho faz parte de uma pesquisa maior em desenvolvimento no curso de doutorado em lingüística do IEL/Unicamp. Nesta pesquisa, além dos enunciados do tipo “*eu peguei e sai*”, também são analisados outros do tipo “*ele foi e fez*” e “*ele chegou e fez*”.
- <sup>3</sup> Em Rodrigues (2004, 2005) mostro, em enunciados desta natureza, os verbos (V1 e V2) podem ou não estar ligados pela conjunção *e*.

“Eu peguei e sai”: uma construção nos limites da coordenação

## Referências

- CUNHA e CINTRA (1985) Nova gramática do português contemporâneo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2ª. edição.
- FÁVERO, L. L. (1987) “O Processo de Coordenação e Subordinação: Uma Proposta de Revisão” In Kirst, M. e Clemente, Jr. I. (org.). *Lingüística Aplicada ao Ensino de Português*. p. 51-61. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- GIVÓN, T. *Syntax: a functional- typological introduction*. Volume II. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1990.
- GOLDBERG, Adele E. (1995) *Constructions. A constructional grammar approach to argument structure*. The University of Chicago Press: London.
- HOPPER, Paul J. & TRAUGOTT, Elizabeth C. (1993) *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HOPPER, Paul (2002). *Hendiadys and Auxiliation in English* //: BYBEE, J., NOOMAN, M. (eds.) *Complex sentences in grammar and discourse: essays in honor of Sandra A. Thompson*. Philadelphia: John Benjamins. p. 145-173.
- ILARI, Rodolfo & BASSO, Renato (mimeo.) “Alguns fatos de língua na perspectiva lingüística de eventos”. Comunicação pessoal na Anpoll.
- KASENIN, Konstantin I. & TESTELETS, Yakov G (2004). “Where coordination meets subordination” In HASPELMATH, Martin. *Coordinating Constructions*. *Typological Studies in Language (TSL)*, Vol. 58. p. 227-239.
- KAY, Paul & FILLMORE, Charles J. (1999) “Grammatical Constructitons and Linguistics Generalizations: The What’s X doing Y? construction. In: *Language*, Volume 75, Number 1 – p. 1-33.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. (1993) *A Coesão Textual*. São Paulo: Contexto.
- \_\_\_\_\_. (1996) *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez.
- LEHMANN, Christian. (1988) “Towards a typology of clause linkage”. In HAIMAN, John e THOMPSON, Sandra (eds) *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Philadelphia: John Benjamins. p. 181-225.

LEHMANN, Christian (1995) Thoughts on Grammaticalization. München, Newcastle: Lincon Europa.

QUIRK, R. et al. A comprehensive grammar of the English language. London/ New York: Longman, 1985.

RODRIGUES, Angélica T. C. (2004). "As construções do tipo foi fez: para uma discussão sobre auxiliarização e serialização verbal no português do Brasil." Comunicação individual apresentada no X SETA (Seminário de Teses em Andamento) do IEL/Unicamp.

RODRIGUES, Angélica T. C. (2005). "As construções do tipo foi fez." Comunicação individual apresentada no 53o. GEL. São Carlos/SP: UFSCAR.